



Televisão em Florianópolis: relatos de realizadores¹

EMERIM, Cárlica (Doutora)²

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

HÜNTEMANN, José Antônio (Graduando, Bolsista PIBIC)³

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

STEFFEN, Maicon (Graduando, Bolsista PIBIC)⁴

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Resumo: O presente artigo faz uma sistematização a partir de alguns depoimentos de realizadores com o objetivo de contribuir para a preservação da memória de quem participou da história recente de implantação da televisão em Santa Catarina. Para tanto, a metodologia empregada utilizou-se da pesquisa bibliográfica, da captação de entrevistas e da análise de conteúdos sobre os relatos proferidos, com vistas a esboçar neste texto, alguns dos resultados já conseguidos nas etapas da pesquisa maior que ainda está em curso.

Palavras-chave: Telejornalismo; História da Mídia; Santa Catarina; Relato Oral; Realizadores.

1. Introdução

A história da televisão no Brasil e, por conseqüência, do telejornalismo, é um percurso recente na academia. Durante muitos anos, a televisão era considerada mídia menor e não se constituía em objeto de pesquisa sobre suas histórias e seus modos de produção. É nesta perspectiva que este artigo se insere e, portanto, propõe contribuir

¹Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Audiovisual e Visual, integrante do 5º Encontro Regional Sul de História da Mídia, 2014.

² Jornalista, Mestre em Semiótica, Doutora em Processos Midiáticos, professora e pesquisadora da Graduação e Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, líder do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTele/UFSC/CNPq), carlidaemerim@gmail.com;

³Estudante do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq, aluno pesquisador do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTele/UFSC/CNPq); jose.huntemann@gmail.com;

⁴ Estudante do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq, aluno pesquisador do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTele/UFSC/CNPq); maiconsrios@gmail.com;



com a análise dos modos de produção da mídia televisiva tentando compreender as relações que esses estabelecem com o percurso histórico e mercadológico das emissoras.

O presente artigo foi elaborado partindo de pesquisa bibliográfica e documental além de depoimentos de personagens que participaram da história da televisão em Santa Catarina. Os depoimentos dos personagens de uma história são importantes para acrescentar detalhes e informações percebidos apenas por eles.

A metodologia escolhida remete às fases da pesquisa intitulada **O Telejornalismo em Florianópolis: história e modos de produção**, desenvolvida no âmbito do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina: 1) pesquisa bibliográfica aos jornais da época, teses e dissertações e demais publicações como documentos e fotografias que pudessem auxiliar na reconstituição destes períodos; 2) pré-entrevista com diferentes profissionais para mapear o fluxo dos acontecimentos e identificar mais envolvidos neste processo histórico; 3) gravação de entrevistas em vídeo com pessoas da comunidade, profissionais e pesquisadores sobre o tema e seus desdobramentos e, 4) entre os entrevistados, sistematizou-se uma outra verificação com vistas a identificar quais dessas pessoas que atuaram no período estudado poderiam relatar sobre suas experiências na produção do jornalismo televisivo, buscando mais subsídios para o entendimento da história e dos fazeres jornalísticos.

O artigo apresenta, além dessa introdução, um breve histórico sobre a televisão e o telejornalismo em Santa Catarina e, depois, centra o foco na declaração e depoimentos de três realizadores que não só atuaram nos primeiros anos da televisão, alguns seguem no mercado televisivo, mas personagens que construíram outras histórias importantes na comunicação e no jornalismo do estado.

2. Breve histórico da implantação das primeiras TVs em Florianópolis

As imagens de televisão chegaram a Santa Catarina no início da década de 60, quando outros estados do Brasil já tinham acesso à novidade há cerca de 10 anos. A primeira televisão oficialmente instalada no estado foi a *TV Coligadas*, no ano de 1969,

em Blumenau, encerrando as atividades em 1982.



Em Florianópolis, capital do estado, os primeiros contatos com essas imagens aconteceram graças aos esforços da Sociedade Pró-Desenvolvimento da TV. O grupo, liderado pelo empresário Darcy Lopes, criou uma rede de repetidoras e fez com que o sinal da TV Piratini, de Porto Alegre, ligada à TV Tupi, chegasse à cidade em 1963.

Passavam os sinais eletrônicos por cinco repetidoras intermediárias localizadas em Osório e Torres, no estado vizinho, e Araranguá, Tubarão e Imbituba, já em Santa Catarina. A manutenção do sistema era dispendiosa. As despesas eram custeadas com contribuições de instituições como o Rotary e o Lyons; o comércio, especialmente o de eletrodomésticos, interessado em vender mais aparelhos; e, em última instância, a Sociedade Pró-desenvolvimento da Televisão recorria aos proprietários de aparelhos que, com todo o direito, queriam o seu investimento traduzido em informação e lazer (PROPAGUE, s.d., p.31 In: EMERIM e CAVENAGHI, 2013).

⁵ Fotografia retirada do site, que cita como fonte da imagem o Jornal de Santa Catarina: http://stmt.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=138:coluna-do-caminha-22072010&catid=30:coluna&Itemid=58, acessado em 18 de abril de 2011.



A Sociedade fez com que o sinal chegasse até o Morro da Cruz, em Florianópolis, e os moradores da capital puderam, enfim, desfrutar da nova tecnologia. Porém, havia uma limitação: a programação não era local. O conteúdo era marcado pela cultura e fatos do Rio Grande do Sul. Nada mais lógico, considerando que o sinal vinha do estado vizinho.

De acordo com EMERIM e CAVENAGHI (2013) “o jornalista e pesquisador sobre história da mídia, Moacir Pereira, lembra que, por muito tempo, estudantes catarinenses sabiam de cor o nome das principais autoridades do Rio Grande do Sul”, embora não conhecessem os líderes políticos do seu estado, tamanha a influência da televisão.

A única exceção, na época, ficava por conta de um programa semanal com duração de cinco minutos. Ele era apresentado pelo publicitário Antunes Severo, que viajava até o Rio Grande do Sul para, de lá, noticiar os acontecimentos de Florianópolis.

Na década de 70, a cobertura do Estado estava dividida entre TV Cultura e TV Coligadas. A Cultura transmitia o sinal da Tupi para Florianópolis. A Coligadas transmitia, a partir de Blumenau, a programação da Rede Globo para cerca de dois terços do Estado, inclusive Florianópolis. Até o início dos anos 80 os habitantes, do Oeste catarinense, eram alcançados pelos sinais de emissoras de outros estados: TV Erechim do Rio Grande do Sul, TV Tarobá do Paraná, e até da Argentina, com a TV *Posadas*. A região Norte recebia diretamente o sinal da TV Coligadas e, através de retransmissores, os canais 4, 6 e 12 de Curitiba. (KURTH (2005) apud PEREIRA (1992).

Por quase dois anos, os moradores receberam uma transmissão cheia de chuviscos do Rio Grande do Sul. Até que, em dezembro de 1964, entrou no ar a TV Florianópolis, canal 11, com imagens do Arcebispo Metropolitano Dom Afonso Nihues em mensagem de Natal (PROPAGUE, s.d. in EMERIM e CAVENAGHI, 2013).

O empresário de Tubarão (SC) Hilário Silvestre, foi o responsável pela instalação da emissora e da antena de retransmissão no centro da cidade. Com recursos próprios, ele comprou o equipamento necessário e o sinal atingia todo o centro da capital e parte do bairro Estreito, no continente. A partir daí, a nova emissora conquistou



espaço e prestígio na sociedade florianopolitana.

De acordo com AMORIM (1984), eram veiculadas quatro horas de programação diária, de segunda a sábado, e oito horas aos domingos. Sem recursos técnicos para exibir dois programas ao vivo em seguida, intercalava as atrações de estúdio com exibição de filmes em curta metragem ou de desenhos animados.

A TV abria sempre com um documentário (...). Logo após, por volta das 18h30m, entrava um noticiário. Seguia um outro filme e uma nova programação local, desta vez a apresentação de alguma bateria de escola de samba, entrevistas, shows musicais, de dança e revista. (...) Durante as noites um espaço estava sempre reservado às entrevistas com personalidades da ilha, “senhoras elegantes”, ou alguém de reconhecimento nacional em passagem pela cidade. (AMORIM, 1984, n.p. apud EMERIM e CAVENAGHI).

O início das transmissões televisivas abriu caminho para que os moradores de Florianópolis tivessem, também, o primeiro contato com um telejornal. O Tele-Notícias (PEREIRA, 1992, p. 55) era apresentado diariamente por Edison Silveira, já experiente na locução de rádio. Tanto aqui, quanto nas demais regiões do país, foi comum ver os profissionais do radiojornalismo migrarem para a TV.

A TV Florianópolis, porém, não durou muito. Funcionou por apenas quatro meses e, em março de 1965, fechou as portas. São dois os motivos que cerceiam o fim da emissora: um, seria a queda da torre de transmissão depois de um forte vendaval e o outro, um laque oficial do Conselho Nacional de Telecomunicações – CONTEL – proibindo as atividades da emissora. Anteriormente ao fechamento da emissora, em 1964, foi aberto o edital de concorrência para o primeiro canal de TV da cidade e a TV Florianópolis participou. Porém, ela foi desclassificada por problemas no texto de seu contrato social (AMORIM, 1984).

Florianópolis só voltaria a ter uma emissora de TV seis anos mais tarde com a chegada da TV Cultura, canal 6, em 31 de maio de 1970. Ela funcionava com equipamentos emprestados pela TV Tupi. Depois de adquirir aparelhagem própria, foi uma das poucas a participar da primeira transmissão de TV em cores no país, em 1972. A TV Cultura também foi a pioneira na transmissão ao vivo do carnaval da cidade. A programação era marcada por programas da TV Tupi e pela valorização de assuntos

locais. Isso deu prestígio à emissora entre os florianopolitanos.

A TV Cultura, única instalada na capital até então, tinha uma identidade forte com a população florianopolitana pela produção de conteúdo local. Porém, de acordo com PEREIRA (1992), a emissora carecia de esquema de jornalismo profissional, de uma boa programação de rede nacional e de equipamentos (p.140).

Nove anos depois surgiu a segunda emissora da cidade. A Rede Brasil Sul implantou em Florianópolis, a partir da TV Catarinense, o mesmo modelo que possuía no Rio Grande do Sul. Lá, ela foi pioneira no Brasil ao montar uma rede regional de emissoras. Aqui, chegou com cautela e ambição, amparada por uma cuidadosa pesquisa mercadológica.

Mauricio Sirotsky Sobrinho na inauguração da TV Catarinense, em 1979⁶.



A TV Catarinense da RSB TV chegava com câmeras modernas que filmavam em cores e ilhas de edição que mudariam a forma de fazer televisão e telejornalismo na cidade e no estado. Como Rede Globo e RBS já eram parceiras no Rio Grande do Sul, passaram a ampliar os negócios também aqui no estado.

A TV Barriga Verde (TVBV) foi o terceiro canal de televisão de Florianópolis. Ela entrou no ar em agosto de 1982, retransmitindo a programação da TVS e, logo nos

⁶ Fotografia extraída do site do grupo RBS: <http://www.gruporbs.com.br/nossa-historia/>, acessado em 23 de janeiro de 2012.

dois primeiros anos, a emissora conquistou uma janela de seis horas diárias de programação local, de acordo com MATTOS (1992).

Os programas comunitários, de variedades e telejornais buscavam valorizar a cultura do estado. Três anos depois, em 1985, a TV Barriga Verde filiou-se à Rede Manchete, que restringiu a produção da emissora a um único telejornal diário. Hoje ela é afiliada ao Grupo Bandeirantes e, em 2012, passou a utilizar o nome Band SC.

3. Relato resumido dos personagens entrevistados

3.1. Antunes Severo

Um dos precursores da História do Rádio e televisão catarinense, Antunes Severo ainda hoje se dedica à atividade de comunicação no estado. Juntamente com Ricardo Medeiros, dirige o Instituto Caros Ouvintes, que preserva a memória do rádio catarinense.

Antunes Severo em atuação no rádio catarinense⁷.



Natural de Rosário, no Rio Grande do Sul, escolheu Florianópolis para viver no

⁷ Fotografia extraída do site: <http://www.ulustosa.com/LOCUTORES%20-%20Antunes%20Severo.htm>, acessado em fevereiro de 2012.



final da década de 1950. Até os 17 anos, Antunes Severo não sabia ler. Aprendeu com um vendedor de uma loja em sua cidade natal. Formado em administração, é um dos maiores nomes do pioneirismo do telejornalismo em Santa Catarina, principalmente na Capital.

Iniciou a carreira no rádio, ainda em sua cidade Natal. Logo após foi para o serviço militar, em Três Corações, Minas Gerais. No colégio onde foi estudar, Severo apresentava um programa da rádio local. Ficou quase um ano comandando um programa de auditório. Foi aí que pediu para rescindir o contrato com o exército. Acabou sendo transferido para um batalhão de Santa Catarina e aqui seus primeiros contatos com o rádio foram em Lages, mas não ficou muito entusiasmado.

Por lá fez amizade com um rapaz que era locutor de uma rádio de Rio Negro no Paraná. Severo ficou seis meses nessa rádio e depois se mudou para Curitiba, onde ganhou grande prestígio como animador de programas de música e humor. Além disso, Severo atuou como locutor, repórter, apresentador e produtor.

Em 1956 já estava em sua quarta emissora. No mesmo ano, juntamente com um amigo, veio para Florianópolis, e nos primeiros dias aqui já começou a trabalhar na rádio Diário da Manhã. De acordo com Severo, ainda em 1956, foi feita a primeira transmissão de um programa de auditório em circuito fechado na capital catarinense. Foram colocadas duas televisões na marquise da rádio Diário da Manhã, localizada onde é hoje o banco Bradesco na praça XV de novembro, no centro.

As câmeras foram ligadas diretamente aos aparelhos de TV. As pessoas se juntaram na praça para assistir. Após sair da rádio, partiu para publicidade, universidade e criou outras organizações com a ADVB (Associação de Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil).

Sua entrada na televisão ocorreu na TV Florianópolis, onde após ser entrevistado em um programa da emissora foi convidado para ser diretor de broadcasting. Montaram uma grade com programas de auditório, de telejornalismo e de filmes de embaixadas. Sintonizando o canal 11, o telespectador contava com duas horas de programação, das seis às oito da noite. Os recursos da época não permitiam capturar imagens externas ao estúdio. Era necessário que fosse tudo ao vivo.

O telejornal começava por volta das seis e trinta. Era tudo muito simples. Um



apresentador, uma mesa e duas câmeras. O microfone ficava sobre a mesa e o texto na frente. Uma câmera era direcionada para o apresentador e a outra para um cavalete que mostrava imagens estáticas dos assuntos que estavam sendo abordados. Logo depois passaram a exibir publicidade nos cavaletes.

O conteúdo do telejornal era pobre do ponto de vista técnico, mas tinha qualificação noticiosa. As notícias que já haviam sido noticiadas nos programas de rádio no horário da manhã não eram reproduzidas. Evitando “mastigar o tema”. Como a TV não era licenciada, não eram permitidos anúncios publicitários. A ordem das notícias era: primeiro locais, depois estaduais, nacionais e internacionais. O maior enfoque era para notícias locais.

O fim da TV Florianópolis ocorreu quatro meses depois de sua inauguração. Ainda há controvérsias em relação ao fechamento da emissora. Alguns dizem que houve interferência do Ministério das Comunicações. Na mesma época ocorreu a queda da antena de transmissão. Não se sabe se foi o vento ou alguém com a intenção que derrubou o equipamento. Esse fator é considerado por alguns o motivo que encerrou as atividades da emissora.

Antunes Severo foi um dos primeiros funcionários da Rede Brasil Sul (RBS) aqui em Santa Catarina. Em 1982 foi convidado a dirigir o sistema de rádios da emissora no estado.

3.2. Moacir Pereira

Moacir Pereira é um dos grandes nomes do jornalismo catarinense. Já dedica 48 dos seus 68 anos de vida a profissão. Teve papel importante na história do jornalismo no estado. Foi criador e primeiro Coordenador do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o primeiro curso no estado.

Pela mesma universidade se graduou em Direito em 1968 e, anos depois, graduou-se como Mestre em Ciência Política. Ocupa a cadeira de número 3 na Academia Catarinense de Letras e possui diversas publicações, muitas delas tratando as censuras sofridas no jornalismo e os movimentos populares.

O início de sua carreira na área do jornalismo ocorreu em 1967, enquanto era

aluno do curso de Direito. Atuava como assessor da reitoria na gestão João David Ferreira Lima. No início da década de 70, paralelamente ao trabalho como jornalista no Jornal *O Estado*, foi professor da disciplina de Estudos dos Problemas Brasileiros no Departamento de Geociências.

O jornalista atua na rádio, na TV,
nos jornais impressos e no on line.⁸



Foi presidente do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina em 1974, nas eleições que elegeram Osmar Schillingman. Moacir havia ficado na segunda colocação, mas como Schillingman acabou sendo vetado pelo 5º Distrito Naval que era controlado pelo Sistema Nacional de Informação (SNI) do Governo Militar, Moacir assumiu a presidência.

Em 5 de Novembro de 1979 foi ao ar a primeira edição do programa Jornal do Almoço (JA), na RBS TV em Santa Catarina. Pereira participou da primeira edição como comentarista geral. Desde essa época era muito crítico.

Sempre teve muita autonomia, era ele quem escolhia o tema que iria abordar. Permaneceu no JA até 1986, quando foi implantado o Diário Catarinense, também do Grupo RBS. Desde então mantém uma coluna com assuntos políticos diversos.

Além da coluna, Moacir continua fazendo comentários eventuais nos telejornais da RBS e TV Com e, também, em programas da Rádio CBN Diário. Sua temática principal é a política e a economia do estado e seus comentários sempre trazem o contraponto, opinando, porém, oportunizando aos receptores a compreensão sobre os lados envolvidos na notícia.

⁸ Imagem retirada do site: <http://gruporbs.clicrbs.com.br/blog/2012/08/22/diario-catarinense-participa-do-simposio-judiciario-e-imprensa/>, acessada em 23 de agosto de 2012.

Participação do comentarista no programa JA, de Florianópolis.⁹



Na mesma época em que estreou no JA veio a ideia de criar o Curso de Jornalismo em Santa Catarina, até então inexistente. Fato que Moacir considerava “inconcebível” que um estado como este não possuísse um único Curso de Comunicação. Moacir enfrentou vários impasses por querer criar um curso de jornalismo no momento em que o país era governado pela Ditadura Militar. O reitor da época era o Prof. Caspar Erich Stemmer, que comenta a criação do curso no livro *História da Comunicação em Santa Catarina*.

Houve a informação de que os militares queriam distância do jornalismo e dos jornalistas. Mas, da parte do governo militar, não tive nenhum problema. Uma vez, quando fui a Brasília para uma reunião do Conselho de Reitores, encontrei o professor Amadeu Cury, diretor do Ensino Superior do Ministério da Educação. Disse que precisava do auxílio dele para criar o Curso de Jornalismo. Ele respondeu: ‘Eu vou apoiar porque você me solicita. Mas não recomendo. Estes dois cursos vão incomodá-lo. A Arquitetura tem uma tendência esquerdista muito forte e costuma ter mulheres e veados. E o Jornalismo questiona demais, é muito crítico’”. (PEREIRA, Moacir, 2012, p.146-147)

⁹ Imagem retirada em *print screen* do site do G1 SC, em 28 de fevereiro de 2014, do programa JÁ de 27 de fevereiro de 2014.



A criação do curso de Jornalismo se consolidou em 1981, com muita dificuldade, por falta de recursos. Moacir Pereira é, na atualidade, o principal articulista político do Grupo RBS no estado catarinense, atuando em todos os veículos do grupo.

3.3 Maria Odete Olsen

Maria Odete Olsen trabalhava na TV Coligadas de Blumenau, afiliada a Rede Globo de Televisão. Posteriormente, a emissora foi comprada pela RBS, tornando-se RBS TV Blumenau. Em 1983 veio para RBS TV Florianópolis como Coordenadora das Sucursais do Interior e, também, como apresentadora do Bom Dia Santa Catarina.

Seguiu carreira na televisão e, do Bom Dia Santa Catarina, foi para o Jornal do Almoço (JA), no qual atuou como apresentadora entre 1986 a 1996.

Na época que Maria Odete apresentava o Jornal do Almoço, o formato era de revista, com mais ênfase à cultura, apresentando geralmente uma reportagem de abertura, uma entrevista, o quadro do jornalista Cacau Menezes - presente até hoje – uma entrada de notícias no interior do programa com a Rede Regional de Notícias, os colunistas fixos e comentaristas. Para Maria Odete, o enfoque mais popular que o programa tem se dedicado nos últimos anos surgiu de algumas reportagens de um quadro intitulado Tribuna do Povo, onde a população fazia as suas reclamações.

Outra característica surgida no final dos anos 80 e início dos 90 foi a descontração na condução do JA, presente até hoje no programa vista nas passagens entre os apresentadores e no próprio tratamento das reportagens. Segundo a jornalista, a grande audiência que o Jornal do Almoço alcança até hoje advém do quadro Jornal da Praça, que levava a equipe do programa a sair do estúdio e transmitir o jornal ao vivo de diferentes regiões do estado, pelo menos uma vez por mês, durante três anos. Pelas inovações que imprimiu à produção, em 1990 o JA foi premiado com o Top de Marketing da ADVB. Depois de sair do JA e também do Grupo RBS, Maria Odete ficou longe das câmeras por três anos, mas voltou para outro grande grupo de comunicação do estado, o SBT, no qual trabalhou na produção do SC 2000, por quase dois anos.

Maria Odete Olsen no programa Educação e Cidadania¹⁰



Com a experiência de entrevistadora, percebeu nos programas temáticos uma oportunidade de estar mais próxima do público catarinense e criou o programa de entrevistas *Conexão Santa Catarina*, que entrevistava personagens do estado catarinense que ganhavam destaque nacional ou internacional. Cada gravação gerava cerca de oito fitas e as edições em torno de uma semana para decupar e montar o programa. Maria Odete Olsen trabalhou por 17 anos no Grupo RBS, 10 anos na TVBV (afiliada da TV Bandeirantes em Santa Catarina), passou pelo SBT (onde trabalhou por 8 meses) e atualmente é Coordenadora e Apresentadora na Record News, do Grupo RIC Record de Santa Catarina, afiliada da Rede Record de Televisão.

4. Considerações sobre o telejornalismo no estado catarinense

O desenvolvimento do setor de radiodifusão em Santa Catarina, assim como outros estados, ganhou impulso durante o regime militar no Brasil. Cabe lembrar que este setor era considerado estratégico e por isso, utilizado como ferramenta de consolidação da ideologia autoritária.

Em nome da segurança nacional, as legislações foram reiterando a concepção de que a mídia radiofônica e televisiva é um bem público e como tal deve ser regulado pelo

¹⁰ Foto retirada do site <http://paulobauer.com.br/senador/2012/02/senador-sera-entrevistado-no-programa-educacao-e-cidadania/>, acessado em 22 de dezembro de 2013.



Estado, como bem aponta SIMIS (2006). Pesquisadores, como Ada Silveira (2002), descrevem que, no período da ditadura militar, o Brasil era, na América Latina, o mercado mais promissor em termos de radiodifusão.

Mas em Santa Catarina, o desenvolvimento foi lento e difícil, em razão dos altos custos dos equipamentos e de da diversificação de mercado. Assim, o estado começou a ter uma significativa produção televisual jornalística a partir do início dos anos 80, o que também culminou com o início do processo de abertura política. Os modos de produção no início do telejornalismo em Santa Catarina eram precários, quase artesanais, muitas práticas advinham do “fazer intuitivo”, sem ter nenhuma relação com a técnica de produção televisiva ou com o jornalismo de televisão.

A estrutura cara, de equipamentos grandes e pouco funcionais, estabeleceu uma hegemonia dos programas de estúdio em detrimento dos programas de rua ou fora dos locais de produção (o que conferia mais domínio dos profissionais sobre o que era exibido).

Os profissionais oriundos do rádio não tinham parâmetros televisivos a seguir, o que lhes possibilitava, ao mesmo tempo, liberdade de ação e muitos erros sobre tentativas de comunicação e modos de fazer.

O tempo de permanência no ar dos programas locais eram maiores o que lhes permitia mostrar e aprofundar os acontecimentos e relatos das pessoas que integravam a sociedade regional. As praças (emissoras e sucursais distribuídas pelo interior do estado) tinham muito espaço de produção e de visibilidade na grade estado, o que privilegiava, também, o formato do AO VIVO.

Ao se estudar a história da televisão e o telejornalismo em Santa Catarina percebe-se que há muitos materiais em publicações *on line* que tratam episódios diferenciados, mas que são difíceis de serem encontrados, pois não estão sistematizados. A fase atual da pesquisa é a de buscar esta ordenação e propor um local único (na web) para que todas estas referências possam ser acessadas e catalogadas com o objetivo de manter o percurso de restabelecimento da história da mídia televisão no sul do país, centrando o foco em Santa Catarina.

5. Referências

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.



- AMORIM, Maristela. **Os Primeiros Tempos da Televisão em Florianópolis: A TV Florianópolis**. 1984. Não paginado. Monografia - Curso de Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- BALDESSAR, Maria José; CHIRISTOFOLETTI, Rogério (Org.). **Jornalismo em Perspectiva**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005.
- CRUZ, Dulce Márcia. **Televisão e Negócio: a RBS em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1996.
- LAVRATTI, Ana. **Antunes Severo: o menino do arroio Itapevi**. Florianópolis: Insular, 2012.
- LOPES, M^a. Immacolata V. de. **Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2010.
- MARCO, Benhur de. **O controle da mídia: elites e a radiodifusão em Santa Catarina**. 1991. 140f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- MATTOS, Sérgio Ferreira de. **TV Barriga Verde de Florianópolis: estudo de caso do período 1984/1987**. 1992. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- MATTOS, Sérgio. **História da Televisão no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- PEREIRA, Moacir. **Imprensa e Poder: a comunicação em Santa Catarina**. Florianópolis, Lunardelli, 1992.
- _____. (ORG.). **Altino Flores: fundador da ACI**. Florianópolis: Editora Insular, 2010.
- _____. **A comunicação em Santa Catarina: Ensino, profissão e modernização**. Florianópolis: Insular, 2012.
- PROPAGUE. **Propague: 25 anos de historia da propaganda de Santa Catarina**. [S.l.: s.n.], [s.d].
- REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco. **História da televisão no Brasil: do início aos dias de hoje**. São Paulo: Contexto, 2010.
- SARDÁ, Laudelino José (Org.). **Da Olivetti à internet**. Tubarão: Editora Unisul, 2007.
- SCARDUELLI, Paulo. **Network de Bombacha: os segredos da TV regional da RBS**. 1996. 143f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- SCHIRMER, Lauro. **RBS: da voz-do-poste à multimídia**. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- SEVERO, Antunes; GOMES, Marco Aurélio. **Memória da Radiodifusão Catarinense**. Florianópolis: Insular, 2009.
- Referência obtida na internet**
- EMERIM, Cárilda; ALVES, Stefany. *Breve história do formato do programa Jornal do Almoço no RS e em SC*. In: ANAIS do 4º ENCONTRO DO NÚCLEO GAUCHO DE HISTÓRIA DA MÍDIA. São Borja: UNIPAMPA, 2012.
- _____; CAVENAGHI, Beatriz. *Os primeiros vinte anos das emissoras de TV em Santa Catarina*. In: ANAIS do 4º ENCONTRO DO NÚCLEO GAUCHO DE HISTÓRIA DA MÍDIA. São Borja: UNIPAMPA, 2012.
- KURTH, Estela. *Uma análise da história escrita das redes de televisão no Brasil: contribuições e limites*. In: ANAIS do III Encontro Nacional de Pesquisadores em História da Mídia. FEEVALE: Novo Hamburgo, 2005.